



TRILHA DE SABERES

Já está em suas mãos o “Roteiro formativo - Trilha de Saberes” da 5ª edição da **Revista Casa Comum**, uma publicação de iniciativa do Sefras – Ação Social Franciscana em parceria com importantes atores, como organizações, movimentos e redes do campo dos direitos humanos e ambiental. Além da versão impressa, o projeto se desenvolve regularmente em ambiente digital e nas redes.

A cada edição, a **Revista Casa Comum** traz à tona **uma série de conteúdos** que buscam ampliar a compreensão de diferentes públicos sobre as pautas de direitos fundamentais, assim como

gerar e produzir conhecimento, possibilitando uma formação permanente para quem atua e para quem quer atuar nessas agendas.

Assim, este roteiro se propõe a apresentar uma sugestão de **Trilha de Saberes** para que educadores e educadoras, ou seja, todos e todas que promovem atividades com grupos, coletivos, movimentos, espaços escolares etc., possam explorar todo o conteúdo da Revista em momentos de encontros, rodas de conversa e formações, incentivando a reflexão e o engajamento de cidadãos e cidadãs em iniciativas de transformação social.

O que compõe a Trilha de Saberes

A Trilha é formada por um ponto de partida, que traz o tema norte e a base conceitual, além de três encontros, que percorrem um caminho educativo que visa:

- 1. Conhecer o tema;
- 2. Refletir; e
- 3. Agir.



Acesse a Trilha de Saberes no site da revista e também outros conteúdos:
www.revistacasacomum.br



A luta pelo direito de ser

“Ninguém pode ser autenticamente humano enquanto impede que outros também o sejam.”

(Paulo Freire - *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987)



Nesta **Trilha de Saberes**, o tema que nos move é a **“luta pelo direito de ser”**, que nos ajuda a refletir sobre a **diversidade** em nosso país. Mas, afinal, o que isso significa?

A luta pelo direito de ser não é recente, mas temos alguns marcos recentes que tentam fazer valer o direito de ser quem se é, quem se quer ser, como a **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, promulgada pela ONU, em 1948, ou a **Constituição Federal Brasileira**, de 1988. Ambas asseguram que todas as pessoas são iguais perante às leis e têm o direito de viver com dignidade. E viver com dignidade é ter acesso à educação, à saúde, à alimentação, ao lazer e à cultura; escolher uma religião; viver suas escolhas.

De toda forma, um enorme grupo de pessoas não têm esses direitos assegurados por fatores históricos e violências que são resultado direto desses determinantes sociais. E, inclusive, muitas vezes, o **termo “minorias” é utilizado para se referir a esse grande grupo, que tem características definidas:** são pessoas negras, indígenas, mulheres, LGBTQIA+, refugiados, moradores de periferia, pessoas

com deficiência, etc. Esses indivíduos, que possuem marcadores sociais bem definidos, que se referem à sua raça, etnia, gênero, religião, condição social, idade, sexualidade etc., são os que lutam pelo direito de ser. Quanto mais características de pessoas invisibilizadas vão se sobrepondo, menos direitos elas têm garantidos.

Para contribuir com as reflexões sobre a **luta pelo direito de ser**, o educador brasileiro Paulo Freire apresenta, em sua obra, a **educação como prática da liberdade**. Ele diz que é na coletividade que as pessoas oprimidas se libertam, em um processo de conscientização, compreensão do contexto e criação de forças para, de forma individual e coletiva, agir para quebrar processos de exclusão.

Em **Anotações sobre Unidade na Diversidade (2017)**, Paulo Freire denuncia o sistema controlado por opressores que buscam a manutenção de poderes, e que, ao mesmo tempo, se valem de palavras como

ética e democracia.

Para o educador, a história é o “tempo de possibilidades” e a luta pela liberdade nos insere em uma história possível, nos fazendo igualmente possíveis. É a luta pelo direito de ser. Nesse sentido, como educadores e educadoras, devemos pensar o que podemos fazer, na história que estamos construindo, para contribuir para a transformação do mundo e que o prepare, para no futuro, a **materialização da grande utopia: unidade na diversidade**.

É uma luta de compromisso, de leitura crítica, de coragem e amorosidade, e crença no sonho possível de poder ser quem se é. Assim, vamos passar por alguns processos, também trabalhados por Paulo Freire, nesta **Trilha de Saberes**, na busca de conhecer para criar consciência, pela reflexão que leva à ação, para uma libertação feita pela comunidade, expressando e inspirando outras pessoas a fazer o mesmo.

“Que estranha maneira é essa de fazer História, de ensinar Democracia, espancando os diferentes para, em nome da Democracia, continuar gozando da liberdade de espancar!” (Paulo Freire, 2017, p. 40).



Para ler, para ver e para ouvir:

Convidamos você, educador(a), para, antes de iniciar a **Trilha de Saberes**:



- Assistir ao vídeo “A esperança de uma sociedade mais bonita”, no qual Paulo Freire, em entrevista ao Museu da Pessoa, fala sobre sua vida e a visão de mundo que tem para a construção de um mundo mais justo: bit.ly/CasaComum_E5_56



- Ler o texto “Paulo Freire: por uma pedagogia preta!”, de Dyarley Viana, da Coleção Dez por Cento: bit.ly/CasaComum_E5_57
- Ler o texto “O que é interseccionalidade”, de Julia Ignácio: bit.ly/CasaComum_E5_58
- Assistir ao vídeo “O que é interseccionalidade, Carla Akotirene? | Espelho com Lázaro Ramos”: bit.ly/CasaComum_E5_59
- Ler o editorial da quinta edição da revista que está disponível em: bit.ly/CasaComum_E5_60



Referências citadas no texto:

- Paulo Freire. *Anotações sobre Unidade na Diversidade*. In: Paulo Freire. *Política e Educação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2017.
- Paulo Freire. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

ENCONTRO 01: 01 CONHECER



Preparação do encontro: O que você precisa antecipar

Prepare uma sala com projetor ou que tenha internet disponível para que os(as) participantes possam ver ou acessar vídeos apresentados.

Se possível, escolha uma sala ampla para que as pessoas possam caminhar ou que seja próxima de um pátio ou espaço aberto para realização do aquecimento e da atividade do *Jogo do Privilégio Branco*.

Organize da forma que achar interessante os conteúdos do texto "Ponto de partida" para compartilhar com o grupo no encontro.

Prepare o *Jogo do Privilégio Branco*, seguindo a orientação que consta no texto *Promoção de uma educação antirracista: urgente e necessária* (p. 37), da quinta edição da **Revista Casa Comum**. É importante levar em conta o contexto local, buscando inserir algumas situações vinculadas ao cotidiano das pessoas participantes. Acesse diretamente também o texto: bit.ly/CasaComum_E5_61

Separe os trechos da **Revista Casa Comum** selecionados e indicados na parte do encerramento.

Organize os materiais: cartões coloridos para anotações, cartolinas, folhas de papel, canetas e/ou lápis e fita crepe.

Passo a passo



1. Abertura do encontro

Faça o acolhimento de boas-vindas dos(das) participantes compartilhando o tema que será trabalhado na sequência de encontros: a "**luta pelo direito de ser**".

Aquecimento:

Para iniciar, convide os(as) participantes a caminhar pelo espaço, olhando uns(umas) para os(as) outros(as), fixando e alternando o olhar. Em um dado momento, peça para que parem e olhem de forma mais atenta para uma pessoa próxima. Recomece a caminhada, escolhendo outros momentos de parada.

Caso haja alguma pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida, e sentir que seja necessário, realize a atividade com algumas pessoas sentadas e parte caminhando, considerando o mesmo procedimento de olhares rápidos, quando em movimento, e mais demorados quando todos estiverem parados.

O objetivo desse aquecimento é estabelecer, de forma inicial, o **reconhecimento de características**, que estabelecem diferenças, mas também igualdades entre os(as) presentes.

Apresentação:

Em seguida, peça para que cada pessoa se apresente dizendo seu nome e uma característica (física, social, etc.) que considera como algo essencial para sua identidade.

2. Roda de conversa



1º momento

Convide os(as) participantes a se alinharem, em uma parte da sala, ficando lado a lado. Explique que vocês irão realizar uma atividade chamada *Jogo do Privilégio Branco*, preparada por você de forma antecipada.

Dica: Além das 10 perguntas iniciais sugeridas pelo **Instituto Identidades do Brasil** (ID_BR), criador do jogo, você pode elaborar mais questões que indicam situações de privilégio. Observe o contexto local, tomando cuidado para não expor as pessoas. Pense em situações que podem ser apresentadas, de forma adicional, às questões sugeridas.

2º momento

Terminado o jogo, sugira que as pessoas se sentem em roda para que o grupo possa compartilhar impressões, a partir das questões:

- **Quais diferenças encontramos no resultado do jogo?**
- **Quais semelhanças observamos?**
- **Como se sentiram ao participar do jogo?**



3. Refletindo sobre a luta pelo direito de ser

Convite o grupo a refletir sobre a luta pelo direito de ser, partindo da ideia dos **direitos que deveriam ser garantidos para todas e todos**. Dê destaque ao conceito de marcadores sociais e ao termo minorias que, na verdade, se refere, em boa parte dos casos, à maioria da população brasileira.

Para ajudar, nesse momento de reflexão com o grupo, você pode escolher um trecho do vídeo de Paulo Freire sobre *A esperança de uma sociedade mais bonita*, ou uma parte do texto de **Dyarley Viana**, *Por uma pedagogia preta!*, no qual ela conta sua experiência.

Em seguida, peça para os(as) participantes formarem pequenos grupos. Ao refletir sobre a luta pelo direito de ser, cada grupo deve escolher uma personagem histórica ou de ficção, que veja como uma inspiração para esse tema. A escolha deve levar em consideração a importante relação da luta coletiva, da construção conjunta do processo de libertação. A personagem escolhida deve remeter sua luta pelo direito de ser não em uma perspectiva individualista, e sim de sua comunidade.

Após o tempo definido, peça que retornem ao coletivo para compartilhar. O grupo deverá apresentar oralmente a personagem e fazer um breve resumo de sua história.



4. Encerramento

Finalize o encontro com uma reflexão sobre as personagens e histórias apresentadas pelos grupos, criando relação com os trechos a seguir selecionados da **Revista Casa Comum**.

A ideia é estabelecer uma ponte com o segundo encontro, que continuará trabalhando o tema da luta pelo direito de ser quem se é, e quem se quer ser, a partir do aprofundamento sobre os marcadores sociais, que nos levará ao **conceito de interseccionalidade**, e, também, abordando o que podemos compreender sobre diversidade, diferenças, igualdades e desigualdades e, por fim, equidade.

Papo Reto (p.17)

“Todos nós brasileiros reproduzimos o racismo, porque a nossa sociedade é estruturalmente racista. Toda pessoa branca é beneficiada pelo racismo numa estrutura racista, não importa se quer ou não...”

“O letramento racial crítico é um passo de conscientização para uma mudança que cada pessoa precisa fazer nos espaços que ocupa: família, igreja, escola, etc.”



Em Destaque (p. 9)

“Não vou conseguir mudar o mundo, e eu tenho ciência disso. A gente pode mudar pequenos mundos. E toda a nossa atuação se baseia em vivências, e, por isso, a gente sabe o quanto é importante, porque já vivemos o outro lado, de almejar, por exemplo, políticas públicas. Tem essa cobrança, claro, de que eu ou pessoas como eu resolvam os problemas relacionados a pautas raciais, sobre vulnerabilidade, sendo que essa discussão não envolve somente eu, ela envolve uma estrutura.”

“Falar da diversidade é falar da configuração do nosso país, e é inadmissível que não haja respeito às diversidades.”

ENCONTRO 02: REFLETIR

Preparação do encontro: O que você precisa antecipar



Prepare uma sala com projetor ou que tenha internet disponível.

Organize todos os textos selecionados da **Revista Casa Comum**, para compartilhar com o grupo, que são indicados no item 2 desta Trilha, e no encerramento. Se preferir, você pode selecionar apenas um, caso entenda que faz mais sentido para o seu coletivo.

Separe as imagens da editoria **Retrato Brasil - Que a Casa Comum nos veja como somos: uma aquarela** (p. 46). Caso você não tenha a revista impressa, basta acessar diretamente na plataforma: revistacasacomum.com.br/retrato-brasil

Organize os materiais: cartões coloridos para anotações, cartolinas, folhas de papel, canetas e/ou lápis e fita crepe.



Passo a passo

1. Abertura do encontro

Faça a abertura do encontro apresentando as fotografias da editoria **Retrato Brasil** da quinta edição da **Revista Casa Comum**. Peça para que os(as) participantes prestem atenção nos marcadores sociais.

Em grupos, solicite que escolham uma das fotografias e escrevam em um cartão colorido os marcadores sociais que conseguem perceber.

Destaque que as fotografias indicam, em geral, mais de um marcador social, o que nos mostram a chamada interseccionalidade, ou seja, como o sistema opressivo tem dinâmicas específicas para cada marcador social, mas que se sobrepõem gerando camadas de exclusão, tornando ainda mais difícil o processo de autonomia.

Você pode trazer, inclusive, a fala de **Benilda Brito**, presente na reportagem do **Em Destaque** (p.11): *"O silêncio não nos salva. As interseccionalidades que eu trago, pioram a minha condição, mas o silêncio não vai me salvar, então eu já afirmo politicamente a minha identidade."*

Em um segundo momento, entregue cartões coloridos para os grupos e, convide-os a construir, de forma coletiva, o significado para cada uma destas palavras:

DIVERSIDADE - DIFERENÇA
IGUALDADE - DESIGUALDADE
EQUIDADE

Ao retornar ao coletivo, com os(as) participantes, convide-os(as) a refletir sobre como a compreensão desses conceitos são essenciais.

A diversidade se refere às **muitas formas possíveis de se viver nesse mundo**. Embora nossa experiência pessoal crie uma referência, é importante compreender que, como todas as pessoas têm o direito de ser, suas experiências são tão válidas quanto as nossas. Nesse sentido, promover a diversidade é assegurar que todas as pessoas e suas características, condições e escolhas têm espaço na sociedade, garantindo o respeito à vida e à dignidade.

Assim, a diversidade aponta para as diferenças que temos, mas que não devem levar às desigualdades. Somos iguais perante à lei, mas temos necessidades diferentes. Temos o mesmo direito à vida, à alimentação e à moradia, à saúde e à educação, mas, historicamente, as violências raciais, sociais, de gênero etc. nos colocam em uma condição de desigualdade tamanha que, hoje, precisamos lutar pelo direito de ser. E para que algum equilíbrio aconteça, **ações como as políticas afirmativas**, por exemplo, devem acontecer para que haja igualdade em um futuro próximo.

Esse processo nomeamos de equidade: é preciso haver tratamentos diferenciados hoje, para que, exista, enfim, justiça social, econômica, racial, de gênero, etária etc. para que todas as pessoas não sejam mais invisibilizadas socialmente, e não precisem lutar (tanto) pelo direito de ser.

Você pode buscar mais subsídios para esse debate no texto *Igualdade, Equidade e Justiça Social: o que significam?*, produzido pela Politize. Acesse: bit.ly/CasaComum_E5_62

2. A Revista Casa Comum na prática

2.1. Leitura

Retornando aos grupos, compartilhe os textos da **Revista Casa Comum**, um para cada grupo, ou selecione apenas um para o grupo todo. Os textos abordam temáticas como diversidade, branquitude, aporofobia e racismo ambiental. As indicações são:

Em destaque (p. 4)

O direito de ser: brasileiros buscam viver as suas múltiplas diferenças e diversidades

Papo Reto (p. 15)

Pesquisadora ressalta que branquitude se constitui a partir de uma relação de suposta superioridade racial

Em Pauta (p. 24)

"Discriminação de pessoas pobres é fenômeno do sistema capitalista e neoliberal", afirma padre Júlio Lancelotti

(p. 27)

Fé, política e diversidade: por uma democracia permeada pelo cuidado com a Casa Comum

Em Perspectiva (p. 33)

Racismo ambiental: a resposta está nas mulheres pretas, indígenas e periféricas

2.2. Roda de conversa

Nesse momento, a partir da ideia da luta pelo direito de ser, e instigados pelos textos lidos da **Revista Casa Comum**, peça para que os grupos reflitam sobre o contexto do país nos últimos anos, a partir das seguintes questões:

- **Como vocês observam a diversidade, as diferenças, a igualdade e as desigualdades e equidade no(s) artigo(s) lido(s)?**
- **Como a interseccionalidade, de marcadores sociais de invisibilizados, aumenta a necessidade pela luta pelo direito de ser?**
- **Algum(ns) trecho(s) trouxe(ram) novidades para o grupo? Qual?**
- **Com qual(is) trecho(s) do(s) artigo(s) o grupo mais se identifica?**
- **Como vocês pensam a importância da diversidade no Brasil de 2023?**

Cada grupo deve fazer um resumo de suas respostas e anotar em cartões coloridos, para que possam compartilhar com o coletivo.



3. Encerramento

Elabore uma reflexão sobre os termos trabalhados e as respostas apresentadas pelos grupos, buscando inspiração no **Raio-x – A luta e a riqueza de identidades no campo brasileiro**, (p. 20) da **Revista Casa Comum**, que traz dados sobre a diversidade da população indígena, da população do campo e comunidades tradicionais, destacando a importância da autoidentificação, ou seja, declarar, por si mesmo, quem é.

No final do encontro, traga para o grupo a mensagem de **Dê Silva** [mulher transexual, 32 anos, camponesa, pedagoga da terra, católica, militante das causas LGBTQIA+ e das lutas por terra, das águas e das florestas], entrevistada da reportagem do **Em Destaque** (p. 6): *"...fazer com que a gente deixe de ser simplesmente uma pessoa e passe a lutar por direitos e a ser sujeito da sua história."*

Preparação do encontro: O que você precisa antecipar



Prepare todos os textos selecionados da **Revista Casa Comum** para compartilhar com o grupo, indicados no item 2 desta Trilha.

Separe o vídeo *Mulheres que cuidam da Casa Comum*, que traz as entrevistadas da série especial, com a participação de Cacica Cátia, da TI Tupinambá, de Belmonte (BA); Marcia Palhano, de São Luís (MA); Ana Lúcia M. da Silva (RR); Cícera da Silva Martins, de Fortaleza (CE); e Sarah Marques, de Recife (PE). O vídeo está disponível na plataforma: bit.ly/CasaComum_E5_63

Passo a passo

1. Abertura do encontro

Apresente o vídeo produzido pela Revista Casa Comum que destaca as entrevistadas da série *Mulheres que cuidam da Casa Comum*.

Em seguida, convide os(as) participantes a compartilhar suas opiniões, a partir do tema "luta pelo direito de ser", e das falas das mulheres, e de como compreendem sua relação com os encontros anteriores. Anote as opiniões e reflexões nos cartões coloridos e coloque-os nas paredes.

2. A Revista Casa Comum na prática

2.1. Inspiração

Peça aos(as) participantes que formem grupos e conheçam as iniciativas apresentadas pelas reportagens:

- **(Na Prática - p. 30):** Iniciativas promovem participação, apoio e orientação a grupos invisibilizados ou vítimas de violência e discriminação
- **(Mobilize-se - p. 37):** Promoção de uma educação antirracista: urgente e necessária

2.2. Ação de mobilização

A partir da inspiração, cada grupo deve escolher um tema relativo à diversidade na luta pelo direito de ser, em sua comunidade e/ou região.

Em seguida, o grupo deve planejar e produzir um pequeno vídeo ou áudio a ser divulgado para as pessoas de sua comunidade, com o objetivo de apresentar a importância da diversidade para a identidade comunitária, trazendo dados e conceitos trabalhados nos encontros anteriores, conectando-os ao tema escolhido pelo grupo.

Aproveitem as habilidades e saberes do grupo. Com o roteiro de produção preparado, é hora de produzir.

[ATENÇÃO]: Além de compartilhar e disseminar o material localmente e/ou nas redes sociais, os grupos podem enviar as produções para serem divulgadas na **Revista Casa Comum** e inspirar outras comunidades na sua luta pelo direito de ser. Para isso, basta enviar o material para o e-mail: contato@revistacasacomum.com.br. Se preferirem, caso publiquem nas redes, podem marcar também o perfil da Revista: [@revistacasacomum](https://www.instagram.com/revistacasacomum).

3. Encerramento

Para fechar o processo da **Trilha de Saberes**, retome, de forma breve, todas as atividades, reflexões e práticas realizadas nos encontros.

Orientação para a elaboração do roteiro

- **O que vai ser falado?** (escreva tópicos e depois o texto)
- **Quem vai falar?** Quais são as pessoas que vão aparecer no vídeo?
- **Escolha o formato:** Será uma entrevista? Uma declaração opinativa? Uma notícia? Uma poesia? Um texto informativo? (cada formato tem suas particularidades. Vocês podem buscar exemplos de formatos de produção audiovisual para ter como base)
- **Quem vai cuidar da produção, gravação e edição?**
- **Quais equipamentos temos disponíveis?**
- **Onde será gravado?**
- **Como será divulgado?** (redes sociais, YouTube, aplicativo de mensagens etc.)

Fica a dica da Revista Casa Comum!

- É impossível um país avançar se metade da população ficar para trás: bit.ly/RCC_4_EmPauta
- Participação social na reconstrução da democracia: bit.ly/CasaComum_E5_64
- Por um Brasil que não mate futuros: bit.ly/RCC_3_EmPerspectiva2
- Especialistas apontam que viabilizar a democracia passa pelo enfrentamento ao racismo e pensar a branquitude enquanto sistema de dominação: bit.ly/CasaComum_E5_70
- Nossa democracia garante o direito à diferença?: bit.ly/CasaComum_E5_71
- Série especial #Decoloniza: bit.ly/CasaComum_E5_69

Expediente

Roteiro formativo – Trilha de Saberes da Revista Casa Comum

Realização:
Sefras - Ação Social Franciscana

Projeto editorial:
Estúdio Cais - Projetos de Interesse Público
www.estudiocais.com.br

Parceiro institucional:
ABPEducom (Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais de Educação)

Parceiro para impressão e disseminação:
PAULUS

Criação do roteiro:
Maurício Virgulino – ABPEducom

Daniele Próspero – Estúdio Cais - Projetos de Interesse Público

Revisão:
Marta Pachiella Martinez e Rodrigo Bueno

Projeto gráfico e diagramação:
Estúdio Oto

Ilustradora:
Marcela Weigert

Contato:

Endereço de correspondência:
Rua Rodrigues dos Santos, 831, Brás
São Paulo/SP - CEP: 03009-010

Para contato com a redação:
contato@revistacasacomum.com.br

Site:
www.revistacasacomum.com.br

Iniciativa



Realização



Parceiro institucional



Parceiro impressão e disseminação



SEJA COMUNICADOR DE UM **NOVO TEMPO**

Os cursos da FAPCOM estão na faixa de excelência do MEC. Investimos em qualidade e infraestrutura em nossos estúdios e laboratórios para que os alunos tenham uma experiência real.

A FAPCOM está entre as melhores faculdades de comunicação do Brasil, com formação integrada às áreas de comunicação e filosofia.

- Graduação
- Pós-graduação
- Extensão

Próxima às estações
Ana Rosa e Vila Mariana do Metrô.



FAPCOM



 (11) 2139-8536

Rua Major Maragliano, 191 - Vila Mariana - São Paulo/SP - CEP: 04017-030